Notas e transcrições

De trabalhos publicados neste número, fizeram-se separatas dos seguintes: "Não confundamos!", Benigno Ferrario; "A Escola Normal de Juazeiro"; Plácido Castelo; e "Aspectos da vida de D. Luiz de Bragança", Guilherme Auler.

Reproduzimos o trabalho do Sr. Eusébio de Sousa acerca da deposição do general José Clarindo, por ter havido graves erros de paginação no número da "Revista" de 1940.

UM BENEDITINO DA HISTÓRIA

Escragnolle Dória
(sócio honorário)

As histórias pátrias são obras perpétuas por interminaveis e nem falemos da história universal. O homem terá sempre que narrar no narrado. Sucessos e personagens podem ser esclarecidos por luzes de opiniões diversas, de novos documentos. Não seria o civilizado da tela tecida e destecida por Penélope para desespero de seus pretendentes, na esperança do regresso de Ulisses vagamareando sem achar jamais plagas da Itaca suspirada.

A obra da nossa história pátria contou, conta e contará obreiros de valor; foi, é e será erguida à custa de materiais diversos. Entre eles figuram em boa parte as contribuições de história local, devidas ao esforço sem paga, à dedicação sem par de verdadeiros beneditinos da história.

Destes só lembremos dois, um felizmente ainda vivo, o outro já desaparecido: o Barão de Studart no Norte, e Vieira Fazenda no Sul.

A vida brasileira e a obra cearense de Studart oferecem longos exemplos do que podem o carater e o trabalho de sociedade no homem. Tem a Inglaterra parte de orgulho no todo da existência desse nobre patrício, cujo nome e de pronúncia britânica o-

culta simplesmente um brasileiro admiravel. Nem tudo o que luz é ouro, nem tudo que se angliciza é inglês, a principiar por Studart.

Nasceu Guilherme Studart a 5 de Janeiro de 1856, em Fortaleza, do consórcio de Juão Guilherme Studart ou, anglicizando, de John William Studart, e D. Leonísia de Castro Studart, em Fortaleza, na capital da Provincia, na rua da Palma, nome expressivo para quem devia triunfar no esforço e no bem. Seu pai, John William Studart, foi por muitos anos vice-consul inglês em Fortaleza; sua mãi descendia de genuina familia cearense. É Studart neto, pelo lado materno, sempre o do coração, de João Facundo de Castro Meneses, "a influência política mais legitima e real que teve a província do Ceará", o primeiro presidente dela após a Maioridade. Vitimou-o assassinato não impune, levado solenemente ao conhecimento pessoal do imperador D. Pedro II por um senador e um deputado da provincia, os padres José Martiniano e Carlos de Alencar, e pelo presidente da Câmara Municipal de Fortaleza, o Dr. José Lourenço de Castro Silva.

Guilherme Studart estudou humanidades no Ceará e na Baía, em cuja Faculdade de Medicina se matriculou para ao cabo de um sexênio doutorar-se, com distinção, em tese inaugural, ao findar em 1877.

Regressando à terra natal, aí ainda se tornou mais cearense pelo casamento, unindo-se a D. Luisa da Cunha Studart, filha do Visconde de Cauipe.

Severiano Ribeiro da Cunha, visconde de Cauipe por Portugal, que no título honrou a terra cearense do agraciado, foi "o maior filantropo que o Ceará produziu". Em memória de sua caridade, Fortaleza deu o nome de Cauipe a um dos seus sítios mais formosos, honrando assim o bem na beleza.

Fundando lar, formando família, prolongada por cinco filhos, não se esqueceu Studart do próximo no exercício mais caridoso que rendoso da sua medicina.

Clínico, médico de hospital em Fortaleza, compreendeu logo a caridade, praticou-a, consequência natural de sentimentos religiosos tão professados quão propagados.

O Barão de Studart pode ser considerado sob tríplice aspecto, como médico, católico e beneditino da história.

Facultativo, não se limitou Studart ao principal papel da medicina: tentar curar. Na sua copiosa obra de pena, de vez em quando, a profissão é recordada, ora no investigar das causas da mortalidade infantil no Ceará, ora em estudo sobre o cólera e outros assuntos científicos.

No Congresso Médico Latino-Americano, reunido no Rio-de-Janeiro, em meados de 1909, apresentou-se interessante memória de Studart a respeito de climatologia, epidemias e endemias no Ceará. Crente fervoroso, Studart é uma das grandes forças católicas da terra natal, cujo céu não raro se arqueia com clemência nas secas e seus martírios, sequiosos por uma gota de agua.

Na obra de Studart a ação católica estua pela palavra e pela escrita. "Faze o bem, não olhes a quem" — pôs ele por título, em 1887, a uma página da vida do Senador Alencar. O apostolado católico de Studart desenvolve e justifica aquele título, sobretudo na presidência do Conselho Central da Sociedade de S. Vicente de Paulo, a vicejar em Fortaleza, ramo do tronco anoso da criação de Ozanam, a sociedade vicentina.

São numerosos os escritos e as alocuções de Studart à testa da associação vicentina de Fortaleza, pois sabe quanto é preciso malhar a verdade para que lhe brilhem as centelhas.

Beneditino da história, no claustro do seu pensamento, Studart conseguiu na paciência dos anos, na constância dos dias, realizar obra formidavel. Oxalá fosse imitada em todas as consideraveis porções do território nacional.

No cérebro e no coração de Studart a ciência e a religião hão de lutar para abrir espaço, dominados aquele cérebro, aquele coração, pelo culto da história cearense.

Ama-a Studart integralmente.

Sabe-a de cor e salteado. Vê-a de alto e de baixo, na generalização e na minúcia. Para servi-la empreende viagens, trabalhos de monta, dedica-se a tarefas ligeiras, entremeando de há muito a história e a geografia, gêmeas da familia do pensamento humano, que nada conseguiu ainda desassociar.

O primeiro escrito de Studart versando história cearense ("História do Ceará. Familia Castro. Apontamentos") é de 1883. De 1888 data o seu primeiro escrito versando corografia local ("Descrição do Municipio de Barbalha").

Do gabinete de trabalho de Studart tem saido os mais alentados trabalhos, num ano as quinhentas páginas das "Notas para a história do Ceará", noutro ano as "Três mil datas para a história do Ceará no seculo XIX".

Para descansar Studart deu ao prelo as quinhentas páginas das "Datas e fatos para a história do Ceará", ou colecionou em catálogo cerca de mil jornais de grande e pequeno formato publicados no Ceará.

Como se não bastasse, ainda Studart estampou o "Dicio-

nário Bio-Bibliográfico Cearense" em três volumes, pondo-o sob a proteção da conhecida, mas nem por isso menos apreciavel epígrafe de Montaigne: **C'est icy un livre de bone foy.**

Em breve "Apresentação" do dicionário, Studart justifica o esforço, que ele conhece, cabendo aos demais reconhecer-lhe a benemerência.

"Forneço fatos e os constato, relembro aspectos e caracteres, formas, tonalidades; faço uma sementeira da reminiscência, junto o disperso, fixo o flutuante, prendo o errado ou fugitivo, integro cousas movediças e desassociadas; aponto para imitação exemplos de honradez e civismo. Foi esse tão somente o meu intento. Já é uma tarefa e uma tarefa árdua."

Para distrair-se de tais tarefas, Studart costuma empreender estudos fragmentários; aprecia Antônio Vieira e inéditos do famoso padre; reune documentos sobre os Palmares, outros sobre Martim Soares Moreno, o colonizador do Ceará; analisa os governos de Mota Feio, de Azevedo de Montaury e Borges da Fonseca no Ceará; compendia usos e costumes da amada terra natal; comenta a "Corografia do Brasil" da lavra de Moreira Pinto na parte relativa à história do Ceará.

Em certa ocasião, lembrou-se Studart que a medicina podia formar casal com a história, como tantas vezes sucede até indiscretamente na Europa. Escreveu então curioso opúsculo, "Patologia Histórica Brasileira". Novos documentos para o estudo da pestilência da **Bicha** ou **Males**, epidemia que assolou Pernambuco em 1686 e para muitos foi nem mais nem menos a nossa sinistra conhecida velha, a febre amarela.

Um trabalhador do porte de Studart não pode dispensar arquivo e ele o possue constantemente enriquecido.

Tem copiado e mandado copiar na Europa uma série de documentos, em tal quantidade, que ela já abrange a "Relação dos manuscritos, originais e cópias sobre a história do Ceará que constituem a coleção Dr. Guilherme Studart". Publicada em 1893, facil é imaginar quanto tal "Relação" deve estar hoje aquem do colecionado. Outra coleção pode ser formada pelos títulos de associações cientificas e literárias conferindo a Studart honras de consócio, bastando citar duas no estrangeiro. Bem presume os zelos da vida do agraciado: a "British Medical Association", de Londres, e a "Academia Nacional de História", da Venezuela. Mas, sem descaso por asosciação alguma, é lícito supor que a companhia mais prezada pelo Barão de Studart vem a ser o Instituto do Ceará, con-

gregação espiritual dos estudiosos da terra cearense, a começar por Teodorico da Costa e Eusébio de Sousa.

Na assembléia geral das "Conferências de Fortaleza", em 1904, proferiu Studart alocução subordinada ao tema: "Do programa, modo de agir a excelências da Sociedade Vicentina".

Sem demasias de presunção, cremos ter o leitor ficado conhecendo tambem um pouco do programa, do modo de agir e das excelências do orador católico de 1904.

A muitos conserve-o o céu, por muitos anos.

(Da revista "Excelsior", 1923.)